

Madame Bovary: o retrato da histeria feminina do século XIX

Gabrielle Madruga Fidalgo Brígido

Resumo

Madame Bovary ou Emma Bovary é a protagonista do romance de mesmo nome, escrito por Flaubert, que levou cinco anos para construí-la. Ela apresenta as características da mulher burguesa do século XIX, muito comum de ser observado nos casos de histeria. Depois do papel de filha, a mulher ascendia socialmente apenas através do casamento e, mesmo assim, deveria obedecer aos ideais de feminilidade, com o cuidado com a casa e a maternidade. O objetivo deste trabalho não é, porém, diagnosticar Emma Bovary como histérica, e, sim, aproximar o que é relatado nessa obra literária sobre a vida dessa mulher com aquilo que os estudos de Freud nos possibilitaram entender sobre a histeria.

Palavras-chave:

Madame Bovary; Histeria; Psicanálise; Freud.

Madame Bovary: the portrait of 19th century female hysteria

Abstract

Madame Bovary or Emma Bovary is the protagonist of the novel of the same name, written by Flaubert, which took five years to build. She presents the characteristics of the 19th century bourgeois woman, quite common to be observed in cases of hysteria. After the role of daughter, the woman ascended socially only through marriage and, even so, she should obey the ideals of femininity, with care for the home and motherhood. The aim of this work, however, is not to diagnose Emma Bovary as hysterical, but rather to approximate what is reported in this literary work about this woman's life with what Freud's studies have enabled us to understand about hysteria.

Keywords:

Madame Bovary; Hysteria; Psychoanalysis; Freud.

Madame Bovary: el retrato de la histeria femenina del siglo XIX

Resumen

Madame Bovary o Emma Bovary es la protagonista de la novela del mismo nombre, escrita por Flaubert, que tardó cinco años en construirse. Presenta las características de la mujer burguesa del siglo XIX, muy frecuentes en los casos de histeria. Después del papel de hija, la mujer ascendió socialmente solo a través del matrimonio y, aun así, debe obedecer los ideales de la feminidad, con cuidado del hogar y la maternidad. El objetivo de este trabajo, sin embargo, no es diagnosticar a Emma Bovary como histérica, sino aproximar lo que se relata en esta obra literaria sobre la vida de esta mujer con lo que los estudios de Freud nos han permitido comprender sobre la histeria.

Palabras clave:

Madame Bovary; Histeria; Psicoanálisis; Freud.

Madame Bovary : le portrait de l'hystérie féminine du XIXe siècle

Résumé

Madame Bovary ou Emma Bovary est la protagoniste du roman du même nom, écrit par Flaubert, dont la construction a duré cinq ans. Il présente les caractéristiques de la femme bourgeoise du XIXe siècle, très courantes à observer en cas d'hystérie. Après le rôle de fille, la femme n'est montée socialement que par le mariage et, malgré cela, elle devrait obéir aux idéaux de la féminité, en prenant soin de la maison et de la maternité. Le but de ce travail, cependant, n'est pas de diagnostiquer Emma Bovary comme hystérique, mais plutôt d'approcher ce qui est rapporté dans cet ouvrage littéraire sur la vie de cette femme avec ce que les études de Freud nous ont permis de comprendre sur l'hystérie.

Mots-clés :

Madame Bovary ; Hystérie ; Psychanalyse ; Freud.

Madame Bovary ou Emma Bovary é a protagonista do romance de mesmo nome, escrito por Flaubert, que levou cinco anos para construí-la. Com sua determinação de conseguir um ideal literário de realidade, essa obra tornou-se um dos símbolos do Realismo francês e, mesmo com todas as controvérsias e acusações, é lida até os dias atuais (Scotti, 2002). Flaubert, como artista, parecia saber por intuição e antecipadamente aquilo que, anos mais tarde, muitos cientistas iriam trabalhar e pesquisar para compreender. Assim como Freud escreverá mais tarde, os poetas e romancistas “Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência” (Freud, 1907 [1906]/1996, p. 4).

Dessa forma, Emma Bovary apresenta as características da mulher burguesa do século XIX. Depois do papel de filha, a mulher ascendia socialmente apenas através do casamento e, mesmo assim, deveria obedecer aos ideais de feminilidade, com o cuidado com a casa e a maternidade. Emma Bovary, evidenciando isso, torna-se protagonista na obra apenas após seu casamento com Charles Bovary, que até tinha sua vida acompanhada pelo leitor nos primeiros capítulos (Nobre, 2013). Ela vê como saída dessa vida cheias de regras e sem possibilidade de melhora duas possibilidades: suas fantasias amorosas e seus sintomas histéricos.

O objetivo deste trabalho não é, porém, diagnosticar Emma Bovary como histerica, e, sim, aproximar o que é relatado em sua trajetória de vida daquilo que os estudos de Freud nos possibilitaram entender sobre a histeria. Para isso, mais importante do que discorrer teoricamente sobre o que seria a histeria é se voltar à obra de Flaubert com um olhar psicanalítico para sublinhar os momentos em que essa relação é possível de ser estabelecida. Emma Bovary, como personagem rica de detalhes e camadas, apresenta para o leitor diversas facetas de uma mulher que procura, acima de tudo, a completude e a perfeição.

Uma crítica a essa aproximação talvez seria de que Emma Bovary não se mostra tão teatral e convincente quanto as histéricas observadas nas aulas das terças-feiras de Charcot, ou até mesmo como as que tiveram seus casos relatados por Freud em seus estudos sobre a histeria, já que não sofria de grandes ataques, com paralisias e anestésias. Contudo, a moça ainda assim apresentava sintomas de conversão, como desmaios e, em momentos de crise, também as anorexias e os estados que se aproximavam de uma catalepsia (Scotti, 2002). Esses sintomas podem ser observados em passagens como, por exemplo, ao dizer que a moça

Empalidecia e frequentemente aceleravam-se a batidas do seu coração. Charles administrou-lhe valeriana e banhos de cânfora, mas tudo o que se tentava parecia irritá-la mais. Em outros dias, tagarelava com exagero febril. A essas exaltações sucediam-se torpores repentinos, durante os quais ficava imóvel, sem falar. (Flaubert, 2017, pp. 81-82)

Sua anorexia, especificamente, aparece ao relatar que “Desde então, ela passou a beber vinagre para emagrecer, contraiu uma tossezinha seca e perdeu inteiramente o apetite” (Flaubert, 2017, p. 82). Já os desmaios aparecem, por exemplo, no trecho: “De repente, um tálburi [carruagem] azul passou a trote pela praça. Emma deu um grito e caiu por terra, desamparada” (Flaubert, 2017, p. 221).

O leitor começa a entender suas fantasias amorosas ao ter contato com a história de vida de Emma. Aos 13 anos, ela fora para um convento estudar. Nesse lugar, uma senhora fazia visitas e levava para algumas meninas romances e histórias amorosas, com heroínas que viviam paixões intensas tanto dentro quanto fora do casamento. Esses romances foram lidos por Emma e passaram a fazer parte de suas fantasias. Ela passou a buscar, ela mesma, ser uma das protagonistas desses contos fantásticos, acreditando que conheceria um grande amor que a salvaria de um destino tedioso e vazio. Assim como a maioria das mulheres de seu tempo, Emma tomava os romances que lia como guias do que deveria esperar e buscar em sua vida, como única possibilidade de ser uma verdadeira mulher (Kehl, 2008).

As heroínas dos romances parecem ter ocupado na vida de Emma o lugar de identificação. No caso de Dora, por exemplo, demonstrou-se que a menina se voltava, na verdade, para a Sra. K, como aquela que poderia responder ao enigma do que é ser uma mulher. Amada pelo pai de Dora e por Sr. K, a Sra. K parecia saber dos mistérios que a feminilidade carregava. Sua mãe, ao contrário, parecia sempre rebaixada e não suficiente para responder à pergunta do que é ser mulher, fazendo com que Dora não tivesse a possibilidade de buscar nela essa resposta (Freud, 1905 [1901]/1996).

Como acontecia com Dora, a mãe de Emma Bovary parece totalmente ausente de sua história. Apesar de não termos um relato completo da infância da protagonista, temos contato com sua mãe apenas no relato de que esta faleceu enquanto a menina estava no convento. Com a saída de cena dessa mãe, as personagens dos romances passaram a fazer parte da vida de Emma (Kehl, 2008). Sua identificação com essas mulheres, capazes de talvez responder às suas questões do que é ser mulher, faz com que Emma recobra-se de diversas máscaras da feminilidade, na tentativa de construir sua própria identidade de mulher.

Emma queria ser essas mulheres, queria viver esse amor maravilhoso e, com isso, depositava em cada uma de suas experiências essa sua esperança. Os excessos que comete delegando aos homens de suas relações amorosas a questão de quem ela deve se tornar para conseguir receber o amor do outro mostram ter apenas levado suas tentativas ao fracasso. Segundo a teoria freudiana, a histórica reconhece a castração, porém a contragosto (Nobre, 2013). Há, portanto, uma revolta contra esse destino ao mesmo tempo que uma esperança de encontrar no outro, principalmente no outro da relação amorosa, uma compensação fálica. E era isso que Emma parecia fazer. Ela buscava nesses amores o que ela sentia faltar.

A primeira tentativa de viver um romance inesquecível foi em seu casamento. Após seu retorno do convento do qual frequentou por toda a adolescência, Emma inicialmente se sentiu satisfeita em comandar os empregados e cuidar dos afazeres da casa, mas não por muito tempo. A entrada de Charles Bovary surgiu-lhe como uma possibilidade de mudar de vida, porém, ao se ter acesso à Emma como protagonista, o leitor pode perceber que sua insatisfação estava apenas começando.

Antes de casar-se, ela acreditava amá-lo; mas, como a felicidade que deveria resultar desse amor não aparecera, ela pensava estar enganada. E Emma procurava saber o que significavam exatamente na vida as palavras *felicidade*, *paixões* e *embriaguez de amor*, que lhe haviam parecido tão belas no livro. (Flaubert, 2017, p. 50)

Emma percebe que não é em Charles que vai encontrar isso que lhe falta, isto é, ele não lhe parecia mais o homem encantador e promissor que iria lhe dar a vida de suas heroínas. Ela se queixa, perguntando-se:

Mas um homem não devia saber tudo, ser hábil em múltiplas atividades, iniciar as mulheres nas energias da paixão, no refinamento da vida e em todos os mistérios? Aquele, porém, não ensinava nada, não sabia nada, não desejava nada. Acreditava-se feliz, e ela o detestava por aquela calma assentada, aquela serenidade pesada, feita da felicidade que ela própria lhe dava. (Flaubert, 2017, p. 56)

A moça parece desfalicizar esse marido e, se ele não é aquele que possui o falo, nada interessa à Emma estar com ele. Entretanto, por causa da sociedade do século XIX, ela não poderia simplesmente se separar de seu marido e, ainda inspirada em suas heroínas do romances, busca nos amantes essa tentativa de ter o falo. O primeiro amante real de Emma é Rodolphe, sedutor e promissor, que promete dar tudo aquilo que ela procura, completando-a. Madame Bovary, porém, diante dessa possibilidade de finalmente ser inteira em sua paixão maravilhosa, acaba cometendo excessos e convoca esse homem a ser absolutamente tudo para ela, preencher todas as suas faltas e ser o amante ideal que lia nos livros e que a salvaria de sua vida tediosa.

Rodolphe, por sua vez, sabia que o lugar de Emma era apenas o de sua amante e não tinha planos para ser seu salvador. A moça, ao contrário, não conseguia separar a realidade de suas fantasias e queria, a todo custo, tornar-se uma típica heroína dos romances. Emma tenta ocupar o lugar de mulher perfeita para esse amante, mas tendo a necessidade constante de ser confirmada nesse lugar de objeto desejável. Essa cobrança não consegue ser satisfeita por Rodolphe, e, na

verdade, por nenhum homem de sua vida, o que faz com que ele, no dia em que iriam fugir juntos, decida mandar uma carta para a moça cancelando todos os seus planos.

O único momento aparente em que Emma tenta conseguir esse falo para si não sendo através da conquista de um homem na relação amorosa é quando tenta o caminho da maternidade.

Desejava um filho, que seria forte e moreno. Ela o chamaria Georges. A ideia de ter um filho homem era como a esperança de desforra de sua impotência passada. Um homem, pelo menos, é livre; pode percorrer as paixões e os países, atravessar os obstáculos, buscar os prazeres mais distantes. Mas uma mulher está sempre presa. Inerte e flexível ao mesmo tempo, tem contra si as fraquezas da carne as imposições da lei. Sua vontade, como o véu da cabeça, estremece a todos os ventos, há sempre um desejo que atrai e uma convenção que a impede. (Flaubert, 2017, p. 104)

Como Freud (1924/2011) anuncia em seu artigo “A dissolução do complexo de Édipo”, a ausência do pênis não é tolerada pela menina sem uma compensação e, por isso, através de uma equação simbólica, ela passa do pênis ao bebê. Dessa forma, seu desejo inconsciente de receber do pai um filho como presente se realiza, de certa forma. Para Emma, portanto, ter um filho também seria uma forma de conseguir esse falo, mesmo que não pelo caminho da relação amorosa.

Entretanto, desde o início a moça demonstrou que seu desejo é da ordem de uma idealização, isto é, ela quer ter esse falo que é uma representação de sua ilusão de completude (Borgato, 2012). Isso só se daria com a vinda de um filho menino, um homem que lhe daria o falo, que seria, na verdade, ele mesmo seu falo. Por isso, ao descobrir que havia tido uma filha mulher, não se conformou: “— É uma menina! — exclamou Charles. Emma virou o rosto para um lado e desmaiou” (Flaubert, 2017, p. 104). Diante dessa decepção, Emma deixa de lado qualquer cuidado com a filha e o papel de mãe, retornando à busca da completude pela relação amorosa.

León foi seu segundo amante, apesar de ter aparecido em sua vida antes de Rodolphe. Anteriormente, ele já havia demonstrado seu interesse por Emma, assim como ela por ele, mas seu jeito ainda imaturo e tímido fez com que o romance não ocorresse inicialmente, e ele tenha decidido ir estudar em outra cidade. Tempos mais tarde, eles se reencontram, e León mostra-se mais amadurecido e experiente. É nesse momento que Emma transforma-se em mais uma personagem dos romances. Dessa vez, a moça era uma amante experiente e sensual, apresentando-se como uma mestre nas artes do erotismo. Em um primeiro instante, parecia viver uma paixão intensa com León, fingindo ter aulas de piano na cidade para se

encontrar às escondidas com o amante em um hotel. Contudo, os excessos voltam a acontecer.

Nessa nova personagem, Emma parecia se voltar também a novos prazeres. Ela começa a contrair dívidas altíssimas apenas para ter os objetos mais caros, assim como dar os presentes mais incríveis a seu amante. Seus presentes e sua atitude com León, porém, induziam apenas a uma inferiorização desse homem, criando uma inferioridade e impotência nele. Emma conduzia-o a uma posição rebaixada, mas, ao mesmo tempo, exigia que ele se mostrasse como aquele que possuía o falo (Nobre, 2013). León ocupa o lugar de um senhor ao qual Emma endereça suas questões e frustrações na esperança de que ele saiba lhe responder, ao mesmo tempo em que tenta destronar esse senhor de seu poder, mantendo, dessa forma, seu desejo sempre como insatisfeito. Em certo momento da trama, a protagonista reflete sobre sua insatisfação constante, que a acompanha em todos os momentos da vida:

Não importava. Ela não era feliz, jamais o fora. De onde vinha então aquela insuficiência em sua vida, aquela podridão instantânea das coisas em que ela tocava? Mas, se havia em algum lugar um ser forte e belo, uma natureza valorosa, cheia ao mesmo tempo de entusiasmo e de refinamento, um coração de poeta sob a forma de anjo, lira com cordas de bronze tocando no céu epitalâmios elegíacos, por que, por acaso, não o haveria de encontrar? Oh! Que impossibilidade! (Flaubert, 2017, p. 298)

A insatisfação talvez seja o traço que mais aproxima Emma Bovary da histeria (Scotti, 2002). A moça busca no marido, nos amantes, no filho e nos objetos de luxo o falo, a completude, que, no entanto, nunca consegue alcançar. Essa impossibilidade faz com que ela se depare com a castração do Outro, com esse que não corresponde à sua expectativa. Essa insatisfação histórica provém, portanto, de sua consideração de que nada pode faltar, já que isso pressupõe que não conseguiu obter esse falo imaginário que sempre busca. A histórica busca a perfeição para sustentar sua posição fálica, caso contrário teria que admitir sua própria limitação, logo sua castração (Nobre, 2013). Emma está sempre atrás desse falo imaginário, todos os caminhos percorridos por ela funcionavam como uma forma de, a partir do Outro, confirmar quem ela é. Porém, nem mesmo os objetos comprados são suficientes para isso, já que, com eles, ela se vê submersa em dívidas, as quais não é capaz de pagar e que podem fazer com que ela perca tudo o que tem.

Ao se ver abandonada por todos aqueles em que depositou a esperança de lhe dar esse falo imaginário e diante da dívida financeira que não é capaz de saldar, Emma se vê diante do vazio e cada vez mais próxima da perda de tudo. Diante da falta a qual ela quis tanto preencher, Emma procura no arsênico a morte, úni-

ca capaz de cessar essa sua busca constante de completude. Ela esperava, assim, encontrar finalmente sua satisfação completa, sua paz e sono eterno, mas nem mesmo nesse momento o consegue (Scotti, 2002).

Após a ingestão de tal veneno, a personagem é primeiramente enganada de que seria uma morte tranquila, mas logo as sensações horríveis tomam conta da cena e cada vez mais ela sofre, como no trecho: “Maldizia o veneno, censurava-o, suplicava que agisse mais depressa, repelindo com o braço tudo o que Charles, mais agonizado que ela, lhe dava de beber” (Flaubert, 2017, p. 334). Mas, por fim, Emma consegue finalmente terminar sua busca incessante daquilo que, por não existir, nunca seria encontrado por ela. A morte propiciou a ela o fim de sua busca constante da completude.

Referências bibliográficas

- Borgato, R. (2012). A tragédia feminina em Madame Bovary sob a perspectiva psicanalítica. *Lettres Françaises*, 1(13), 95-106.
- Flaubert, G. (2017). *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905 [1901])
- Freud, S. (1996). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907 [1906])
- Freud, S. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- Nobre, T. L. (2013). Madame Bovary e histeria: algumas considerações psicanalíticas. *Contextos clínicos*, 6(1), 62-72.
- Scotti, S. (2002). A histeria em Freud e Flaubert. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 333-341.

Recebido: 01/12/2021

Aprovado: 15/12/2021